

«Não fortalecerás a dignidade e
o ânimo, se subtraíres ao homem
a iniciativa e a liberdade».

LINCOLN

A Voz de Loulé



PORTE
PAGO

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXI

20-10-77

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 645

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA

Rua da Carreira

Telef. 6 25 36

LOULÉ

Em nome da Cultura:

URGE PRESERVAR AS LENDAS E A HISTÓRIA DO ALGARVE

Costuma-se dizer, não sem razão alicerçada na própria temporalidade humana, que a memória dos homens é curta.

Hoje, esta convicção arraigada, que já foi intuitiva ou presentida, é uma evidência lógica. É que a efêmera condição dos mortais se junta o gosto imoderado da inovação, a disfarçada predilecção pelos modismos, e

mesmo hipnótica curiosidade debruçada no futuro, no previsível, no prospectivo. Os olhos e as atenções projectam-se para o devir e parecem obcecados em verumtudo o dia vindouro.

As imposições, solicitações, o estilo e o espírito de vanguarda que animam a vida contemporânea muito concorrem para tal. O futuro agiganta-se, avoluma-se, ignora o passado, quando não o escarnece.

Em face a esta psicose, sôfrega de antecipação, há que conciliar, com efeito, os elos de ligação que acau-

(continua na pág. 2)

Novo ano lectivo

Do primeiro dia de escola
ao reinício das aulas

Começou, no passado dia 12 do mês corrente, novo ano lectivo.

Como sempre ele comporta um cortejo de situações tradicionais, que em ordem ao individual não são mais do que experiências inéditas ou reatadas, consoante a multiplicidade dos casos em jogo.

A este mundo, esperançoso e loquaz, juntam-se agora os infantes, tímidos debutantes das primeiras letras, para quem os preliminares contactos com escola constituem a novidade mais extraordinária das suas vidas, ainda balbuciantes e primaveris.

(continua na pág. 7)

Em «A Voz de Loulé»

PUBLICAÇÃO EM FOLHETINS de «As Mouras Encantadas» e os Encantamentos do Algarve»

do Dr. Francisco Ataíde

Está convicto este jornal de que se torna premente uma acção conjugada e concertada com visos a salvar da acção devastadora do tempo e da cúmplice negligência ou indiferença humana, a obra bibliográfica do dr. Francisco Xavier de Ataíde Oliveira.

Não se poupará a esforços e a empenhos para interessar neste empreendimento os organismos e as ins-

tuições que no âmbito das suas jurisdições e competências possam efectivamente prestar um contributo meritório e decisivo.

Tem assim este semanário em mente levar por diante, nas suas páginas uma perseverante campanha de sensibilização, se tanto for necessário, para que tais fins sejam atingidos plenamente, em prol das tradições etnográficas, da história e da cultura ligadas intimamente às origens da terra algarvia, à mais meridional parcela de Portugal.

Não nos conformamos nem nos

(continua na pág. 3)

FINALMENTE

Vão ser expropriados os terrenos destinados à expansão nordeste de Loulé

Foi publicado no Diário da República, n.º 228, da II Série, de 1 de Outubro corrente, um despacho dimanado do Ministro da Habitação, Urbanismo e Construção, o qual aprova o estudo de ocupação dos terrenos integrados no plano de expansão nordeste de Loulé, e destinados à habitação e equipamento urbano, pelo que, ao abrigo da legislação vigente, é atribuído o carac-

ter de urgência às expropriações necessárias.

O mesmo despacho precíua que a Câmara Municipal de Loulé tome

posse administrativa dos terrenos em causa.

De acordo com esta decisão, sabemos que a Câmara de Loulé vai encetar contactos com o expropriador a fim de concertar negociações conciliatórias.

Se esses contactos não resultarem, será nomeado um tribunal, que terá por incumbência atribuir valores a cada parcela de terreno expropriado.

A Câmara de Loulé, admite a hi-

(continua na pág. 6)

SEMINÁRIO DE JORNALISMO

para a Imprensa Regional
de inspiração Cristã

Decorreu de 26 a 30 de Setembro, em Lisboa um Seminário de Jornalismo para a Imprensa Regional de Inspiração Cristã, cuja iniciativa pertenceu à Comissão Episcopal das Comunicações Sociais.

(continua na pág. 2)

Carta da Comissão Regional de Turismo acerca do I Festival Nacional de Folclore

Ex-mo Senhor
Director do Jornal «A VOZ DE LOULÉ» — Loulé.

Acabo de ler no vosso prestigioso Jornal, uma desenvolvida notícia acerca do I Festival Nacional de Folclore ALGARVE/77, enaltecendo o êxito de mais esta iniciativa da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

Na qualidade de Presidente Interino da Comissão Administrativa, em meu nome pessoal agradeço os louvores a mim dirigidos, contudo gostaria de esclarecer V. Ex.ª e os leitores do vosso jornal, que o êxito deve-se a um magnífico trabalho de equipa que realmente existe na CRTA, que sob a orientação da Comissão Administrativa e uma óptima colaboração de todo o pessoal desta casa, com o assinalável apoio de diversas entidades oficiais, nomeadamente a Direcção-Geral do Turismo, Direcção-Geral da Acção Cultural, Regimento de Infantaria de Faro, Força Aérea Portuguesa, Câmaras

Municipais e muitas outras que seria ocioso enumerar, tornaram possível esta realização que estou certo muito honrou o nosso Algarve.

Tanto eu, como o Vogal da Co-

(continua na pág. 7)

O Porto de Pesca de Quarteira

II

A pesca (média anual) desembarcada em Quarteira nos anos de 1953/57 foi de 6 056 contos, num total desembarcado em todos os postos de pesca algarvios de 151.665 contos; portanto, 4% em Quarteira.

Naqueles anos, a pesca desem-

barcada nos outros portos tinha sido, em contos:

Vila Real, 43.304; Portimão, 38.797; Olhão, 26.436; Lagos, 14.281; Tavira, 8.869; Fuzeta, 7.905; Albufeira, 3.267 e Faro, 2.650. Armazém de Pera e Carvoeiro estão incluídos em Portimão.

De 1974 até 31/8/77, a pesca desembarcada em Quarteira foi:

Anos	Contos	Ton.	Kg.
1974	17.151	626	27\$
1975	30.796	752	41\$
1976	45.920	721	64\$
1977 (31/8)	42.825	669	64\$

O aumento de 95 toneladas, desde 1974 a 1976, representa um acréscimo de 15%, o que foi sem

(continua na pág. 6)

MAIS ASSALTOS...

Seriam cerca de 3 horas da madrugada de 10 passado quando, em pleno funcionamento da Loulepaço, indústria local de panificação, se deu por um ruído inusitado que o rumor das máquinas não conseguiu abafar.

Inquiriram os circunstantes da sua proveniência e não esconderam a sua surpresa quando deram pelo arrombamento de duas portas de acesso à rua

Quanto aos arrombadores, nem sombras, apesar de se terem esquadriado as redondezas.

Crê-se que o seu móbil seria o roubo, mas parecem estranhas a ousadia e a estultícia dos intrusos ao pretenderem assaltar, em plena laboração, uma indústria onde cerca de trinta homens trabalhavam, prontos a acorrer ao menor sinal de alarme.

(continua na pág. 3)

Atenção jovens:

A carreira aeronáutica
espera-vos

(PÁGINA 3)

Zé não vai no fole:

Sim! Sim! Confiar no futuro é esperança,
mas desconfiar do presente é realismo!

(Ler na página 4)

EM NOME DA CULTURA:

Urge preservar as lendas e a história do Algarve

(continuação da pág. 1)
telam o corte com patrimónios, oriundos de um lugar no tempo, que jamais devem ser amputados da memória dos epígonos e do conhecimento, por muito actualizado ou avançado que seja.

Vem isto a propósito da obra do dr. Francisco Ataíde de Oliveira que, como se sabe, constitui um maravilhoso descrínio de lendas (algumas de fascinante cunho poético) e de história, dedicado a imortalizar um passado recheado de tradições e cunhadas de interesse etnográfico e antropológico, desta zona limítrofe de Portugal.

O dr. Ataíde, além de mero historiador (clareou muitos pontos de contradição e obscurantismo), para quem teria bastado compulsar os cronistas afonsinos, foi um investigador inconformista com as versões menos consistentes, atento e diligente para com a tradição oral do povo, que de geração em geração, fora transmitindo inestimáveis testemunhos.

A sua obra é com efeito um admirável repositório, onde a difusa silhueta histórica do Algarve, (no seu período de conquista) se entrelaça com o fabuloso tintureco dos contos e lendas das mouras encantadas. Consubstancia, também, um reservatório onde se sedimentaram, na multiplicidade das expressões, crenças e narrações, autênticos resquícios da projecta cultura popular.

Além de outras obras mais, este insigne autor legou-nos os «Contos Tradicionais do Algarve», o «Cancioneiro e Romancero do Algarve», «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve» (edição de 1890), «Monografia de Loulé».

Como preito e gratidão, Loulé, através do seu Município, erigiu-lhe um busto em 1930, no Largo de S. Francisco, onde lhe é conferido o título de «benemérito compilador do folclore algarvio».

Tem interesse recordar que no preâmbulo e dedicatória do livro «As Mouras Encantadas», o dr. Ataíde justifica o seu trabalho com a seguinte meditação: «Não está bem ao algarvio que preza e ama a sua província assistir de braços cruzados ao desmoronamento das nossas tradições orais, que, por muitos séculos, constituíram o encanto e o enternecimento dos nossos maiores e muito principalmente quando essas tradições ainda hoje são, um precioso documento por onde podemos aquilatar do estado intelectual do nosso povo em épocas remotas».

E logo mais adiante, com que a introdução deste apontamento por coincidência estabelece semelhança, o insigne autor não deixa de mencionar como advertência que «o progresso, com as suas características essencialmente descentralizadoras, tendo aliás proporcionado ao homem mais límpidos horizontes, muito tem contribuído para o esquecimento das nossas lendas».

Efectivamente, o dr. Ataíde reconhece que imperativo se torna salvaguardar os tesouros (em risco de perecimento), que a tradição até então zelosa e reverente guardiã, tinha subtraído à corrosão dos séculos e à incúria dos menos avisados. É plausível que esse facto o tivesse induzido a meter ombros ao seu empreendimento.

Chegados a este ponto somos compelidos pela raridade com que se reveste a bibliografia do dr. Ataíde a indagar, não sem sobresalto: corre ou não o risco de sosobrar e de desaparecer a sua insubstituível obra? Está em risco ou não o Algarve de perder um incalculável património de ficção histórico-cultural?

Em nossa opinião é palpável e manifesto esse risco.

O dr. Ataíde bem se preocupou com o desmoronamento das tradições algarvias.

Compete-nos agora a nós, garantir a continuidade das suas obras, que encerram o remanescente dessas avoengas tradições.

Constatámos, pesarosamente, que na biblioteca Municipal de Loulé existe uma série de livros da sua lavra, não sabemos se completa.

São ali considerados, esses tantos

volumes, como relicários e como documentos de consulta, cuja saída da biblioteca está interdita.

Sabe-se, por outro lado, que outra parte, bem dispersa de factura arcaica e conservação variável, não escapa à tendência de perda irrecuperável, hipótese esta a não afastar.

Colocados assim frente a deplorável possibilidade, o iminente desaparecimento da valiosa obra do dr. Ataíde o qual acarretaria um prejuízo insuperável, ocorre-nos dar público conhecimento do mesmo e chamar para ele as atenções das instâncias competentes.

Torna-se ingente, com efeito e sem delongas, reeditar a obra em apreço, se possível completa. Urge sem tardança preservar a memória esquiva dos homens.

Daqui cumpre-nos endereçar à Câmara Municipal de Loulé, à Comissão Regional de Turismo (pois ao sector turístico-cultural a questão também diz respeito), e aos organismos que superintendem e incrementam a cultura, um apelo veemente no sentido de providenciarem a reedição desta preciosa colectânea, antes que a indiferença e o descaso comprometam os intuitos postos na sua feitura, antes que a inércia e indecisão venha a cobrar tributos irreparáveis.

J. C. VIEGAS

SEMINÁRIO DE JORNALISMO para a Imprensa Regional

(continuação da pág. 1)

Após os trabalhos e debates e análises, todos de inegável interesse, foram lavradas as seguintes conclusões, que selaram o referido seminário:

1. — Os participantes deste Seminário consideram de importância fundamental o trabalho realizado, durante esta semana, pelas incidências que, necessariamente, val ter na valorização da Imprensa Regional de Inspiração Cristã.

2. — Nesta perspectiva, fazem as seguintes propostas:

a) Estar mais atentos aos acontecimentos e situações da vida das populações a cujo serviço se encontram;

b) Ajudar as pessoas a descobrir os valores autenticamente humanos, presentes e anunciados na sua vida, em ordem à construção de uma sociedade nova, a que tem direito;

c) Procurar ser, cada vez mais, intérpretes e porta-voz das legítimas aspirações, defendendo e promovendo os valores das regiões que servem;

d) Dar uma perspectiva autenticamente cristã sobre os acontecimentos, a nível local, nacional e internacional;

e) Transmitir e comunicar os acontecimentos da vida da Igreja local e universal, procurando ajudar a construir e a viver, cada vez mais, a realidade da Igreja — comunidade viva.

3. Conscientes da sua missão e das dificuldades e limitações da sua actividade, afirmam o seu direito a ter acesso à profissionalização e a mais favoráveis condições de trabalho, quer no que se refere a disponibilidade pessoal quer em melhoria de meios técnicos e materiais.

4. Reconhecendo o papel destes cursos na sua valorização, propõem igualmente a efectivação de outros seminários, cujos programas incluam o desenvolvimento de aspectos técnicos e temas de conteúdo doutrinal.

5. Dado o poder dos Meios de Comunicação Social na promoção e evangelização das populações, afirmam a necessidade, por parte da Igreja, de uma opção clara em termos de uma eficiente e válida Pastoral das Comunicações Sociais.

COMPRA-SE

Terreno ou casa para demolir em Loulé.

Resposta ao Apartado 5 — LOULÉ.

GALERIA DE ARTE ALGARVE, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação que, por escritura de 14 do mês corrente, lavrada de fls. 41 a 43, do livro n.º C-96, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, os sócios José Fernando Moreira Aguiar e Maria Inácia Varela Zurzica Aguiar, da sociedade «Galeria de Arte Algarve, Lda.», com sede na povoação e freguesia de Almansil, concelho de Loulé, cedaram as suas quotas do valor nominal de 50 000\$00, respectivamente, aos consócios James Gordon Mackie e Rona Mackie, pelo que saíram da sociedade e renunciaram à gerência.

Pela mesma escritura foram unificadas as quotas dos actuais sócios — os cessionários — e alterados os artigos 5.º e 9.º do pacto social, que passaram a ter a seguinte redacção:

ART.º 5.º — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro e nos outros valores constantes da respectiva escritura é do montante de 200 000\$ e está dividido em duas quotas iguais, pertencendo uma a cada sócio.

ART.º 9.º — A gerência da sociedade, dispensada de caução será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.

§ 1.º — Para obrigar validamente a sociedade é necessária e suficiente a assinatura de qualquer sócio gerente ou seu procurador.

§ 2.º — Os sócios gerentes poderão delegar em quem entenderem os seus poderes de gerência, mesmo em pessoa estranha à sociedade.

§ 3.º — A gerência poderá constituir mandatários da sociedade, nos termos e para os efeitos do artigo 256, e seu § único do Código Comercial, ou para quaisquer outros fins, mediante procuração.

§ 4.º — A gerência é expressamente vedado obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor ou qualquer out-

tro acto ou contrato, estranho ao seu objecto.

§ 5.º — Posteriormente, a sociedade poderá destituir ou nomear novos gerentes, se assim o entender, em Assembleia Geral.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Loulé, 19 de Setembro de 1977.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

A Voz da Loulé n.º 645 de 10-10-77

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SILVES

ANÚNCIO

(1.ª Publicação)

Nos autos de Acção de Despejo n.º 44/77 pendentes neste Tribunal em que são autor JOÃO CALÇADA VIEGAS, morador na Rua João Rosa Beatriz, n.º 23, em S. Brás de Alportel e ré MARIA GRUNCHI, de nacionalidade estrangeira, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua Rosa dos Ventos, n.º 8, 1.º esquerdo, em Armação de Pera, é aquela ré citada para comparecer no Tribunal de Silves no dia 21 do próximo mês de Novembro, pelas 14 horas, a fim de se proceder à tentativa de conciliação prevista no artigo 972.º alínea a) do Código de Processo Civil, a que deverá comparecer pessoalmente ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, não sendo motivo de adiamento a falta de qualquer das partes e, AINDA PARA, no caso da tentativa se frustrar, por não comparecimento de qualquer das partes ou da não obtenção do seu acordo, contestar, querendo, a referida acção, no prazo de CINCO DIAS, a contar da data designada para a tentativa de conciliação e finda a dilação de VINTE DIAS, podendo a ré deduzir em reconvenção o pedido de benfeitorias e indemnizações a que se julgue com direito, sob pena de, não contestando ser condenada no pedido, incorrendo na pena de multa se faltar à conferência.

O duplicado da petição encontra-se patente na Secretaria deste Tribunal à disposição da citanda.

Silves, 10 de Outubro de 1977.

O Juiz de Direito,
Ezequiel Sanches Casanova

O escriturário,
José Manuel Gonçalves Mourinho

PRÉDIO

Vende-se um prédio c/ 4 assoalhadas, cozinha, casa de banho e arrecadação, situado em Portimão.

Resposta a M. B. C. Guerreiro — Rua Antero de Quental, 24-r/c.-Dto. — LOULÉ.

PIZÕES

UMA AGUARDENTE DE MEDRONHO ESPECIAL
Que se recomenda

A PROVA... ESTÁ NA PROVA

LOULÉ
Largo Gago Coutinho
Telef.: 62503



LAGOS
Rua Garret
Telef.: 62928

PASTELARIA FINA — DOCES REGIONAIS



Bolos Artísticos
Tortas
Tartes
Folhados
Pastéis de Nata

FORNECIMENTOS PARA

Casamentos, Baptizados, Banquetes, etc.

AMENDOAL — PASTELARIA DE QUALIDADE

Cola CROL
de pura cola

REFRESCANTE ESPECIALIDADE

Exija o refrigerante de

Cola CROL
e será melhor servido

Atenção jovens:

A carreira aeronáutica espera-vos

Através do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, adscrito ao Ministério de Educação e Investigação Científica, foi-nos distribuído um ofício da Flightways Air Academy, organismo este devotado ao ensino de aeronáutica entre os jovens, do qual damos o devido destaque.

É este o seu teor:

Tomei a liberdade de contactar o vosso Organismo, na esperança de poderem divulgar entre os jovens desse País, o nosso Programa de Treino para a Carreira Aeronáutica.

Poderá constituir a informação mais importante que receberam em toda a vida — a «chance» de uma carreira cheia de perspectivas de trabalho agradável e compensações financeiras.

A Academia Aérea Caminhos do Ar (Flightways Air Academy) está situada na baía de S. Francisco no Aeroporto Internacional de Oakland.

Nós trabalhamos no campo de treino de pilotos há muitos anos e os nossos diplomados estão a trabalhar com sucesso na indústria da aviação em todo o Mundo.

As carreiras dos programas de treino vão do certificado de piloto civil até aos cursos mais avançados tais como o comercial, instrumentos multimotores, instrutor de voos e certificado de piloto de transporte aéreo.

Todos os nossos cursos estão reconhecidos pela Administração da Aviação Federal dos Estados Unidos (FAA), pelo Ministério da Educação da Califórnia e pelo Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos, para o que diz respeito à aceitação de estudantes de outros países. Preenchemos também os requisitos exigidos pela Organização Internacional da Aviação Civil (ICAO).

Será proporcionado um curso especial de linguagem destinado a familiarizar os estudantes com a terminologia utilizada em aviação.

Enviaremos informações adicionais a todos os interessados que o solicitarem para a morada acima indicada.

Muito agradecemos o que possam fazer para a divulgação destas informações junto dos jovens portugueses que procuram uma carreira.

Para mais informações por favor não hesitem em contactar-nos.

Publicação em folhetins de «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve»

(continuação da pág. 1)
acomodamos à atitude contemplativa e permissiva de conscientemente testemunharmos a dissolução gradual da uma obra que deve permanecer e pertencer indelevelmente, ao precioso património cultural do país.

Há, pois, que assegurar uma redição que coloque a salvo de deplorável perda, antes que sejamos arguidos perante nós próprios e os vindouros, de coniventes na incúria que parece pretender condenar ao perecimento a devotada obra do dr. Ataíde de Oliveira.

Se a história se associa à memória dos homens, há que salvaguardá-la para que a memória se conserve e se não desfaça no mito.

Solidário para com a decisão aqui explicitada, vai este jornal, independentemente da campanha a promover, reeditar e divulgar em moldes de folhetins «As Mouras Encantadas e os Encantamentos do Algarve», finda a qual projectará lançar no mercado livreiro a obra citada após satisfestas as formalidades e preceitos que se entenda necessários contemplar.

J. C. V.

Novas taxas de juro até 16% ao ano sem impostos

PARA TRABALHADORES PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO

**Deposite o seu dinheiro,
em Portugal,
numa conta de Depósitos a prazo,
em Escudos.
Nem é preciso fazer contas!
Ganha mais. Vê-se logo!**

Depósitos com pré-aviso ou a prazo a mais de 30 dias	6%
Depósitos a prazo a mais de 90 dias	9%
Depósitos a prazo a mais de 180 dias	15%
Depósitos a prazo a mais de 1 ano	16%



CONSULTE O SEU BANCO

MAIS ASSALTOS...

(continuação da pág. 1)
Também em noite recente foi assaltado o mini-mercado Bota (na Campina), de onde «varam» garrafas de bebidas... que apareceram (vazias) no dia seguinte à porta do estabelecimento.

A P. S. P. redobrou, entretanto, a vigilância e a população anda alerta... para castigar os larápios, já que a brandura da nossa justiça está fazendo rebeldes uns certos «meninos» que não sabem respeitar os bens alheios.

Na noite anterior também tinha sido assaltado o depósito de venda de pão da Sociedade de Padarias Nossa Senhora da Piedade, situado em frente da Câmara de Loulé e, portanto a poucos metros do posto da G. N. R..

Os assaltantes deviam ter ficado desiludidos, pois não encontraram o tão ambicionado dinheiro...

Por isso não roubaram nada e apenas fizeram estragos na porta (e não só...)

Cão Perdigueiro PERDEU-SE

Gratifica-se a pessoa que encontrou um cão perdigueiro, castanho claro, com 5 meses, desaparecido do sítio das Pedras Ruivas (Freguesia de Salir) no dia 2 de Outubro.

Favor comunicar para José António Cecília — Palmeiros — Salir.

(2-1)

CASA DE ARTIGOS REGIONAIS

Trespassa-se

Por motivo à vista, trespassa-se o estabelecimento de artigos regionais «Casa Tia Anica», localizado em Vale da Venda (estrada de Faro) próximo da Sumol.

Tratar com Maria Gabriela Brito Martins — Largo João XXIII, 27-1.º — LOULÉ.

(10-1)

O ZÉ NÃO VAI NO FOLE:

Sim! Sim! Confiar no futuro é esperança, mas desconfiar do presente é realismo!

Pensar, embora nem sempre haja tempo para isso, é próprio dos homens, diz o Zé, enquanto lhe folga as costas, e o intelecto deixa de se concentrar na labuta do ganha pão.

Explicada pelos meios de comunicação social a sua curiosidade, jamais deixa de se interessar pelos acontecimentos circunstanciais que quase lhe entram pelos ouvidos, só carecendo de um mínimo de atenção.

Naturalmente que, em face ao martelar constante dos noticiários está a aperceber-se que o país não nada em maré de rosas (talvez de cravos acedados) e que o tempo de vacas magras é chegado.

Já recebeu em aviso, como petardos, dois pacotes de austeridade, ele o Zé, que não tem conhecido outra vida que não seja a de segurar os tostões ganhos à custa do seu labor.

Quem é que está a viver acima dos próprios recursos, pergunta o Zé, intrigado com o rumo confuso das querelas políticas?

Mas, não quer de forma alguma desarmar perante os preocupantes sintomas que minam a economia do país. Desarmar claro está, é preciso que se entenda, no sentido de desmoralizar, de descer portanto no fu-

turo, de perder as esperanças em dias melhores.

Não quer isso dizer que o Zé se deixe embalar por devaneios utópicos, e por cantos de sereias.

Assim como se conhece a árvore pelos frutos que dá, também o Zé olha mais para os factos do que para a orgia do palavrório.

Factos esses afinal que estão em desacordo com a torrente das tais diatribes.

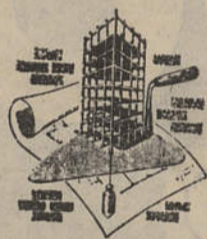
É em face aos factos que o Zé começa a desconfiar do presente, embora não deixe de afiançar e apontar no futuro. Pelo menos convencido está que há-de se tirar algum proveito do mal que bate à porta. Quanto mais não seja experiências embora dolorosas que conduzam a procedimentos mais conscientes e que a todos terá de tocar, sem excepções, pois, ou há moral ou comem todos.

Está pois o Zé precavido contra as surpresas que o presente lhe quer ou tenciona preparar em resultado de um esbanjamento colectivo que ainda não perdeu por completo a embalagem.

Convencido está ele, sim, que homem prevenido vale por dois.

E nisto por ora se fica: criticar apenas

O ZÉ NINGUÉM



APARTAMENTOS

Vendem-se com 2, 3, 4 e 5 assoalhadas de luxo, em S. Brás de Alportel, Loulé e Quarteira.
AMÂNDIO & CAVACO.
Av. da Liberdade — Telefones 42387/42433 — S. BRÁS DE ALPORTEL.

BRANDYMEL

ESPECIALIDADE DE MEL PURO
E FRUTOS DESTILADOS

Recomenda-se aos apreciadores

RECUSE AS IMITAÇÕES

APARTAMENTOS



Vendem-se com 3 e 4 assoalhadas de luxo. Bloco em construção na Urbanização Expansão Sul, lote B (saída para Faro).

MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.ª LDA.
— Construção de edifícios para venda em propriedade horizontal.

Escritório e residência na R. dos Combatentes da Grande Guerra, 56 — Telef. 62449 — LOULÉ.

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO
Notário: Licenciada Maria

Odília Simão Cavaco
e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º B-51, de folhas 22 a 26, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada ontem, na qual José Maria Guerreiro Jacinto e mulher, Maria Adélia Campina de Sousa, residentes no sítio dos Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte:

Talhão de terreno para construção urbana, com a área de 136 m2, situado na Rua do Depósito, da povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, confrontando do norte com os justificantes, do nascente com a Rua do Depósito, do sul com Adelino Trainel e do poente com Joaquim do Carmo Bassa, a desanexar do artigo urbano n.º 125 da mesma freguesia, a que atribuíram o valor de 30 000\$00;

Que este talhão de terreno se encontra omissa na Conservatória do Registo Predial deste concelho.

Que o mesmo lhes pertence, por o haverem comprado a Joaquim do Carmo Bassa, viúvo, Cristóvão da Ponte e mulher, Maria Filipe, e Manuel da Ponte e mulher, Francisca Martins, casados segundo o regime da comunhão geral de bens, residentes na dita povoação de Quarteira, por escritura de 13 de Janeiro do ano corrente, lavrada a fls. 49 do livro n.º B-92, de notas para escrituras diversas, do 1.º Cartório desta Secretaria.

Que atendendo ao disposto no artigo 13.º, n.º 1, do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título suficiente para registo, mas a verdade é que os transmitentes eram na data da referida escritura de venda, donos e legítimos possuidores, também com exclusão

de outrem, do prédio supra descrito e então vendido, porquanto,

No inventário orfanológico, que foi instaurado e correu seus termos no Tribunal Judicial desta comarca, por óbito de Silvina Bitá, que foi residente na aludida povoação de Quarteira, foram adjudicados e ficaram a pertencer ao cônjuge meeiro, Joaquim do Carmo Bassa, e aos filhos, Maria Albina Bitá do Carmo, Rodrigo Bitá do Carmo, Juliana Maria Bitá do Carmo e Raul Domingos Bitá do Carmo, na proporção de metade para o viúvo e um oitavo para cada filho, de cada um dos prédios de origem, que nesse inventário foram relacionados sob as verbas um e dois, tendo as partilhas do mesmo sido julgadas por sentença de 27 de Janeiro de 1947, que transitou em julgado.

Em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta de 1955, terem os referidos proprietários, estando nessa data o cônjuge meeiro, o referido Joaquim do Carmo Bassa, já casado em segundas núpcias com Beatriz da Ponte, procedido à divisão daqueles prédios, e a sua respectiva demarcação, meramente verbal, e, portanto, nunca reduzida a escritura pública, e do mencionado prédio número um, de origem, foi-lhe adjudicado e ficou a pertencer, em pagamento da meação do cônjuge meeiro, o supra descrito talhão, à filha Maria Albina Bitá do Carmo, actualmente casada segundo o regime da comunhão geral de bens, com Francisco Nunes do Carmo, um talhão de terreno com a área de 50 m2 confrontando do norte com a Rua da Condução, do nascente com Rodrigo Bitá do Carmo, do sul e poente com Manuel Correia, onde estes a expensas exclusivamente suas construíram um prédio urbano, inscrito na matriz predial da

referida freguesia, sob o artigo n.º 2581; ao filho Rodrigo Bitá do Carmo, casado segundo o mesmo regime de bens, com Catarina Encarnação Abrantes, um talhão de terreno com a área de 113 m2, que confronta do norte com a Rua da Condução, do nascente com Joaquim do Carmo Bassa, do sul com Manuel Correia e do poente com Maria Albina Bitá do Carmo, tendo também estes, construído neste talhão, um prédio urbano, inscrito na matriz predial sob o artigo 1840; ao filho Raul Domingos Bitá do Carmo, casado segundo idêntico regime de bens, com Domicília Martins da Ponte, um talhão de terreno para construção urbana, com a área de 90 m2, na mesma Rua do Depósito, que confronta do norte com os justificantes, do nascente com Joaquim do Carmo Bassa, do sul com Joaquim Jeremias e do poente com Rodrigo Bitá do Carmo, e à filha Juliana Maria Bitá do Carmo, todo o prédio constante da verba número 2, do aludido inventário.

Que a partir daquela divisão, sempre os referidos herdeiros possuíram os mesmos bens, em nome próprio, sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, e dado como foi efectuada aquela divisão e demarcação, não têm título que permita o registo do prédio distinto objecto desta justificação, que os justificantes adquiriram, em nome dos vendedores, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 12 de Outubro de 1977.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

SURDOS CASA SONOTONE

NÃO OUVES BEM!

Procure-nos a fim de fazer um exame e uma demonstração que é gratuita com os mais belos aparelhos do Mundo. Óculos só de encostar à cabeça, sem fios nem pipetas. Uma maravilha de audição. LARINGES ELETTRÓNICAS para os operados à laringe. Vendemos pilhas de todas as voltagens. Prestamos assistência técnica. Procurem-nos a fim de os fazermos felizes nas seguintes localidades:

DIA 25 DE OUTUBRO — 3.ª FEIRA

LAGOS — Farmácia Silva — Das 9 às 10 H.
PORTIMÃO — Farmácia Central — Das 11 às 12 H.
ALBUFEIRA — Farmácia Piedade — Das 15 às 16 H.
LOULÉ — Farmácia Chagas — Das 17 às 18 H.

Com a vossa visita ficaremos muito reconhecidos em:
LISBOA — Poço do Borratém, 33 S/L — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telefone 315602

SENHORA

Aceita tratar de bebés. Máximo zelo. Experiência e cuidados maternos.

Tratar pelo telef. 63067 — LOULÉ.

(3-1)

QUARTEIRA

VENDE-SE
APARTAMENTO

A 100 metros da praia, com 3 assoalhadas.

Informa telef. 62328 — LOULÉ.

(3-1)

III VOLTA AO ALGARVE EM BICICLETA

2.a ETAPA PORTIMÃO - FÓIA (140 Kms)

Adelino derrota Madeira no alto das Penhas Algarvias

Conclusão da reportagem de
JOSÉ MANUELMENDES

Logo após o sinal de partida em Portimão, os ciclistas iniciaram esta etapa mais longa da III Volta ao Algarve em Bicicleta, sucedendo-se os estícos, principalmente por parte dos homens do Benfica e do Porto-Viauto.

A primeira tentativa séria de fuga foi ensaiada por Santos Duarte, do Benfica, iam decorridos 24 kms de prova. A passagem por Bensafim, o seu avanço cifrava-se já em 20 segundos. O pelotão, porém, reagiu fortemente, com os homens do Campinense-Marina no comando, e a meio da subida para o Espinhaço de Cão, o fugitivo era reabsorvido.

No alto desta subida onde estava instalada uma contagem de 3.ª categoria para o Prémio da Montanha, o primeiro a passar foi Alfredo Piñan, seguido de Xavier Varela, ambos do Riego Lomba, e em terceiro lugar o bombarralense Fernando Ferreira, seguido de Carlos Santos do Benfica e de Adelino Teixeira do Lousa-Trinarianjus.

Na descida subsequente, Manuel Gomes, do Porto-Viauto, teve uma avaria mecânica, ficando para ajudá-lo o seu colega de equipa Floriano Mendes, e, apesar do andamento vivo do pelotão, conseguiram a recolagem.

Entretanto, enquanto uma série de azares perseguiu os espanhóis da Riego Lomba, os homens do Benfica ensaiaram uma série de estícos, de pronto respondidos pela equipa de Loulé.

Aos 43 kms, de prova, tinha passado a 1.ª hora da competição. Lá atrás, só pedalava a ciclista da Coelima, Avelino Ferreira, que viria aliás a desistir.

Aos 54 kms, foi Celestino Severino do Lousa-Trinarianjus que logrou adiantar-se ao pelotão. Catorze kms depois o seu avanço sobre o pelotão cifrava-se em 50 segundos para na Raposeira passar para um minuto e dez.

Na segunda hora de prova foram entretanto percorridos 38 kms. Próximo de Almadena, quando a fuga de Celestino Severino parecia praticamente neutralizada, Floriano Mendes, do Porto-Viauto, juntou-se-lhe, e em conjunto conseguiram afastar-se do pelotão e demandaram Lagos com cerca de 40 segundos de vantagem.

Na Meta Turismo aí instalada, o 1.º foi Floriano Mendes, o 2.º Celestino Severino e o terceiro Guilherme Rocha do Porto-Viauto à frente do grosso da coluna.

Ao entrar em Portimão, a diferença dos fugitivos era de 50 segundos, vindo então progressivamente a baixar até que, aos 118 kms de prova, foram absorvidos.

Logo de pronto, outro homem do Porto-Viauto saiu do pelotão, mas foi de imediato apanhado. Nessa junção, saiu então Manuel Oliveira, do Lousa-Trinarianjus, que em mais uma acção de desgaste às já fracas forças da equipa do Campinense-Marina para responder aos ataques, conseguiu isolar-se e ganhar vantagem sobre o pelotão, onde só José Madeira, batendo-se como um leão, lutava à frente do grosso da coluna. A Meta Pedro Bárbara, situada nas Caldas de Monchique, foi ganha por Manuel Oliveira, com um avanço de cerca de 100 metros.

Já nessa altura, Luís Teixeira da Coelima, solicitava auxílio ao seu carro de apoio, a contas com câmbios. Um pelotão de 20 unidades tinha-se entretanto destacado. Em Meia Viana, o avanço de Manuel Oliveira cifrava-se em 10 segundos. Aqui, Herculano de Oliveira, Adelino Teixeira e sempre, José Madeira, deram forte estíco, ficando na frente dez ciclistas. Madeira puxou sempre na frente até cerca de 2 kms da meta, dos 8 que constituíram a grande e

dura escalada de Monchique até à Fóia. E quando nada o fazia prever, Madeira acusou sobremaneira o esforço. Adelino Teixeira apercebendo-se disso atacou forte, distanciou-se e levou na sua esteira Herculano de Oliveira do União de Coimbra e Belmiro Silva do Porto-Viauto, que demandaram a meta por esta ordem. José Madeira dera tudo o que era possível dar e caíra como um campeão. Ao perder 47 segundos para Adelino Teixeira, perdeu também a camisola amarela, mas não foi o único grande derrotado: Luís Teixeira, da Coelima, chegou com grandes dificuldades e perdeu mais de um minuto para o homem do Lousa-Trinarianjus que soube jogar a sua cartada no momento exacto, e ganhou-a, demonstrando categoricamente que não foi por acaso o vencedor da última edição da Volta a Portugal.

Dos outros «campinenses», eles tiveram todos sem excepção uma

chegada muito fraca, em posições por demais secundárias, reflexo natural do desgaste que vieram sofrendo na defesa da camisola amarela.

1.º — Adelino Teixeira — Lousa-Trinarianjus, 3:58:02; 8.º — José Madeira — Campinense-Marina — 3:58:49; 26.º — Manuel Gonçalves — idem, 4:07:15; 27.º — Carlos Vitorino, idem, 4:07:18; 28.º — José Afonso, idem, 4:09:31; 30.º — Joaquim Colaço, idem, 4:10:03.

Por equipas:
1.º — Lousa-Trinarianjus, 7:56:15
8.º — Campinense-Marina, 8:06:04
10.º — Dramático-Lusotex, 8:32:43.

Foram eliminados nesta etapa Orlando Pereira do Porto-Viauto, Modesto Lousada do Riego Lomba, José Rodrigues do Riego Lomba, António de Oliveira do Dramático-Lusotex, Jorge Custal do Riego Lomba, Agostinho Gabo do Dramático-Lusotex e António Vitorino do Almodovar-Matimar.

3.a ETAPA SILVES-TAVIRA (117 Kms)

Santos Duarte (Benfica) o herói do dia

Começou francamente mal esta terceira etapa da Volta ao Algarve. A manhã apresentou-se em Silves bastante nublada, com o sol envergonhado mesmo de mostrar uns parcos fios de calor que fossem. E envergonhados, ou cansados, pareceram também os ciclistas que realizaram apenas 34 kms durante a primeira hora de prova. E foi precisamente nessa altura, mais precisamente, em Benafim, que Santos Duarte do Benfica iniciou aquele que viria a ser um contra-relógio de mais de oitenta quilómetros, e que viria a terminar ingloriamente a cerca de mil e quinhentos metros da chegada em Tavira.

Na Rocha da Pena, o seu avanço cifrava-se já num minuto e quinze segundos. No alto do Barranco do Velho, onde estava instalada uma contagem de 3.ª categoria para o prémio da Montanha, Santos Duarte foi primeiro, Álvaro Cofaço do Riego-Lomba foi segundo, e Joaquim Colaço do Campinense-Marina foi terceiro. Estes dois últimos, aliás, tinham-se escapado ao pelotão pouco antes desta contagem.

Aos 61 kms Santos Duarte tinha 4 minutos e 30 segundos de vantagem sobre o grosso da coluna, enquanto Colaço e Cofaço apenas detinham dois minutos e 20 segundos. No Alportel, esses avanços tinham diminuído respectivamente para 3 minutos e 50 segundos, e 1 minuto e quarenta segundos. Uma breve tentativa de fuga de Rogério Duque do Almodovar-Matimar, não passou disso. Breve.

Na Meta Turismo instalada em Olhão o 1.º tornou a ser Santos Duarte com 2 m 30 s., o 2.º Joaquim Colaço e o terceiro Álvaro Cofaço, estes com 1 m 30 s. Aos 92 kms, Colaço e Cofaço foram apanhados, e Santos Duarte pedalava a 150-200 metros do pelotão, distância que manteria até cerca de 1.500 metros da meta, isto já depois de ter ganho a Meta Pedro Bárbara, instalada em Alfândega.

Naquelas fatídicas 1.500 metros que separavam Santos Duarte do pelotão, os homens do Porto-Viauto atacaram inapelavelmente, mas José Amaro, do Benfica, «vingou» bem o seu colega ao bater sobre o risco o portista Manuel Gomes. Foi como se poder dizer, Deus pedalou direito por pedaleiras tortas!...

1.º — José Amaro, Benfica, 2:59:06; 8.º — José Madeira — Campinense-Marina, m. t.; 21.º — Joaquim Colaço, idem, m. t.; 22.º — Luís Correia, idem, m. t.; 24.º — Manuel Gonçalves, idem, m. t.; 26.º — Carlos Vitorino, idem, m. t.; 28.º — José Afonso, idem, m. t.

Equipas:
1.º — Benfica, 5:58:12; 5.º — Campinense-Marina, m. t.; 9.º — União de Coimbra, m. t.

Desistiu Diamantino Duarte do Dramático-Lusotex.

4.a ETAPA PISTA DE TAVIRA

Mudança no comando

Antes do início desta 4.ª etapa, poucos acreditariam que a camisola amarela mudasse para outro dono que não fosse o José Madeira do Campinense-Marina, o grande derrotado da etapa para a Fóia. E isto porque, por capricho do sorteio, todas as atenções se concentravam na 5.ª e última série, onde o despique entre Adelino Teixeira e José Madeira constituía o prato forte da tarde, e prometia viva emoção.

O tempo da 1.ª série, onde Armando Pereira do Benfica, estabeleceu 10:53, não seria ultrapassado senão pela 4.ª série, onde Belmiro Silva do Porto-Viauto, que já dera nas vistas no Prólogo inicial, estabeleceu a melhor marca de 10:37. Veio a última corrida, e desde a partida Adelino Teixeira, curvado sobre a máquina, em esforço permanente, manteve-se na dianteira até à décima quarta volta. Aí, José Madeira que até então se mantivera na expectativa, tal como todos os ou-

tros componentes da série, deu forte estíco e logrou adiantar-se cerca de 50 metros a Adelino Teixeira. Perante o delírio do público de Tavira, Madeira tentou tudo por tudo, mas Adelino, demonstrando extraordinária fibra de lutador conseguiu ir buscá-lo e aí, Madeira viu atiradas por terra todas as suas probabilidades de conquistar tempo de avanço. O tempo final foi reflexo das alterações táticas e Belmiro Silva tinha ganho o tempo suficiente para conquistar a camisola amarela por três segundos, não sem que se gerasse viva controvérsia entre a assistência que garantia, de cronómetros em punho, ser o tempo de Adelino Teixeira melhor do que o atribuído pelo júri. No entanto, nesta como noutra competição do género, não são os «cronometristas de bancada» que contam, e Belmiro viu assim sancionada a sua posse do jersey amarelo.

1.º — João Sampaio — Coelima,

10:37; 3.º — Américo Silva — Campinense-Marina, 10:41; 14.º — José Madeira, idem, 10:51; 16.º — Manuel Gonçalves, idem, 10:53; 24.º — Carlos Vitorino, idem, 11:02; 25.º —

Joaquim Colaço, idem, 11:02.

Equipas:
1.º — Porto-Viauto, 21:22; 3.º — Campinense-Marina, 21:32; 9.º — Bombarralense, 22:05.

5.a ETAPA TAVIRA - LOULÉ (87 Kms)

Vitorino: uma satisfação para os louletanos

Logo à partida de Tavira, Carlos Vitorino do Campinense-Marina, que nos revelara «ser hoje ou nunca», adiantou-se ao pelotão em excelente pedalada, e volvidos 10 kms o seu avanço cifrava-se já num minuto e 10 segundos.

A passagem por Monte Gordo, a sua vantagem tinha-se alargado para 3 m e 30 segundos. Saíra entretanto do pelotão, o homem do União de Coimbra, António Monteiro, que tinha nessa altura 40 segundos sobre o grosso da coluna.

A passagem em Vila Real de Santo António, na Meta Turismo aí instalada, o 1.º foi Carlos Vitorino, o 2.º António Monteiro e o 3.º António Fernandes do Porto-Viauto.

A passagem por Altura, Carlos Vitorino atingiu a sua maior vantagem: 5 m e 30 s. António Monteiro com quase 1 m e 1 s. viu a partir daqui o seu avanço progressivamente reduzido até ser alcançado pouco depois de Tavira.

Em Santa Catarina da Fonte de Bispo, onde estava instalada a Meta Pedro Bárbara, o 1.º foi Carlos Vitorino, o 2.º Rui Pereira do União de Coimbra, e o 3.º João Marta do Bombarralense-Sossilvas.

No alto da contagem de 3.ª categoria para o Prémio da Montanha, pouco antes de S. Brás de Alportel, a vantagem do fugitivo cifrava-se em 4 m e 5 s sobre o pelotão comandado por João Sampaio da Coelima e Carlos Santos do Benfica.

Aqui até Loulé, os ciclistas embalaram, a diferença entre o homem da frente e os perseguidores reduziu-se sobremaneira, mas Carlos Vitorino, impondo um andamento forte e ao sentir aproximar-se Loulé entusiasmou-se e teve uma entrada triunfal na Pista Bexiga Peres, perante o

delírio da multidão, que se aglomerara dentro e fora do recinto para assistir à chegada da caravana da 3.ª Volta ao Algarve em Bicicleta.

1.º — Carlos Vitorino — Campinense-Marina, 2:20:24; 13.º — José Madeira, idem, 2:23:08; 21.º — Manuel Gonçalves, idem, m. t.; 23.º — Joaquim Colaço, idem, m. t.; 28.º — Luís Correia, idem, m. t.

Equipas:
1.º — Campinense-Marina, 4:43:32; 5.º — Bombarralense, 4:46:16.

Por indicação médica, Alfredo Piñan da Riego Lomba não alinhou à partida.

6.a ETAPA

Pista Bexiga Peres (9 Kms)

Debaixo de uma moldura extraordinária de público, realizou-se um autêntico festival de pista. Grande emção, grande expectativa, e assistiu-se afinal à consagração de Belmiro Silva, que além de não perder a camisola amarela para Adelino Teixeira, ainda teve artes, força e talento para acrescentar alguns segundos ao seu avanço sobre os mais directos competidores.

1.º — Irene Ferro — Almodovar-Matimar, 11:08; 8.º — Américo Silva — Campinense-Marina, 11:10; 10.º — Joaquim Colaço, idem, 11:13; 18.º — Manuel Gonçalves, idem, 11:18; 26.º — José Madeira, idem, 11:24; 27.º — José Afonso, idem, 11:24.

Equipas:
1.º — Lousa-Trinarianjus, 22:16; 4.º — Campinense-Marina, 22:23; 9.º — Coelima, 22:42.

Classificação Geral Individual

CLASSIFICAÇÃO GERAL INDIVIDUAL

1.º — Belmiro Silva — Porto-Viauto, 12:22:42; 2.º — Adelino Teixeira — Lousa-Trinarianjus, 12:22:45; 3.º — João Marta — Bombarralense-Sossilvas, 12:23:38; 4.º — Abel Coelho — Lousa-Trinarianjus, 12:23:38; 5.º — Carlos Santos — Benfica, 12:23:39; 6.º — José Madeira — Campinense-Marina, 12:23:41; 7.º — Herculano de Oliveira — União de Coimbra, 12:23:49; 8.º — Fernando Fernandes — Bombarralense-Sossilvas, 12:24:02; 9.º — José Amaro — Benfica, 12:24:04; 10.º — Luís Teixeira — Coelima, 12:24:07; 11.º — Manuel Pereira — Benfica, 12:24:15; 12.º — António Fernandes — Porto-Viauto, 12:24:22; 13.º — Raúl Terêncio — Lousa-Trinarianjus, 12:25:31; 14.º — Xavier Varela — Riego Lomba-Cesantes, 12:25:38; 15.º — Rui Pereira — União de Coimbra, 12:26:10; 16.º — Elias Campos — Lousa-Trinarianjus, 12:26:38; 17.º — Celestino Severino — Lousa-Trinarianjus, 12:27:03; 18.º — Herculano Silva — União de Coimbra, 12:28:40; 19.º — Manuel Oliveira — Lousa-Trinarianjus, 12:28:45; 20.º — Álvaro Cofaço — Riego Lomba-Cesantes, 12:29:59; 21.º — Carlos Vitorino — Campinense-Marina, 12:30:04; 22.º — Rogério Duque — Almodovar-Matimar, 12:30:29; 23.º — João Sampaio — Coelima, 12:31:39; 24.º — Guilherme Rocha — Porto-Viauto, 12:32:29; 25.º — Manuel Gonçalves — Campinense-Marina, 12:32:29.

Média geral do pelotão amarelo, 38,050 km/hora.

Média geral da prova, 38,206 km/hora.

PRÉMIO MARINA PRETA — MONTANHA

1.º — Adelino Teixeira — Lousa-Trinarianjus, 18 pontos; 2.º — Herculano de Oliveira — União de Coimbra, 12; 3.º — Carlos Santos — Benfica, 11; 4.º — Belmiro Silva — Porto-Viauto, 9; 5.º — Manuel Oliveira — Lousa-Trinarianjus, 6 pontos.

PRÉMIO JAMAICA COLA — PONTOS

1.º — Luís Teixeira — Coelima, 35 pontos; 2.º — João Marta — Bombarralense-Sossilvas, 28; 3.º — João Sampaio — Coelima, 25; 4.º — José Amaro — Benfica, 24; 5.º — Belmiro Silva — Porto-Viauto, 20 pontos.

PRÉMIO PEDRO BÁRBARA

1.º — João Marta — Bombarralense-Sossilvas, 40 pontos; 2.º — Manuel Oliveira — Lousa-Trinarianjus, 35; 3.º — Joaquim Colaço — Campinense-Marina, 30; 4.º — Celestino Severino — Lousa-Trinarianjus, 25; 5.º — Carlos Vitorino — Campinense-Marina, 25.

EQUIPAS

1.º — Lousa-Trinarianjus, 24:45:38
2.º — Porto-Viauto, 24:46:52
3.º — Benfica, 24:47:11
4.º — Bombarralense, 24:47:40
5.º — União de Coimbra, 24:48:36
6.º — Campinense-Marina, 24:52:45
7.º — Riego Lomba, 24:54:15
8.º — Coelima, 24:55:42
9.º — Almodovar, 25:02:41

O Porto de Pesca de Quarteira

(continuação da pág. 1)
dúvida motivado pelos maiores barcos motorizados que se utilizam do Ante-porto da Marina para o seu abrigo e descarga do pescado.

No entanto, faltam nele um cais e guindaste apropriados que facilitem a descarga do pescado.

O preço médio de 64\$00 por quilo de peixe vendido na Lota de Quarteira, registado pelos Serviços de Venda da Casa dos Pescadores de Quarteira, afastase bastante daqueles que se praticam na banca do retalho do Mercado Municipal — sobretudo em relação a certas espécies como sejam linguados, salmões e outros peixes de escama. Já não se fala dos camarões de Quarteira que estavam a 700\$00.

O poeta-pescador de Quarteira, Manuel Pardal, no seu livro «Em cima do mar salgado», regista nesta quadra o seu queixume e desalento:

Esta mágoa me consome;
Eu no meu coração sinto:
O pescador morre à fome
E o arrieiro está rico.

Quando em Lisboa, na livraria Opinião, o dr. Ruivinho Brazão, de Boliqueime, promoveu o lançamento do referido livro, no corrente ano, estava presente o sr. Secretário de Estado das Pescas, dr. Pedro Coelho, que no seu breve discurso leu aquela quadra como resumo das suas apreciações sobre o poeta-pescador quarteirense.

E esta observação ministerial interpretámo-la nós como certa falta de organização dos pescadores de Quarteira, os quais, se dispusessem de uma Cooperativa de Venda do seu pescado, poderiam arrecadar maiores proventos.

Aquela Cooperativa estaria perfeitamente enquadrada na actual organização político-social e tem todo o apoio estatal, tal como sucede com os empréstimos que o Fundo de Renovação e Apetrechamento da Pesca está concedendo aos pescadores, sóbrios e competentes, que conseguem empréstimos da ordem dos 500 contos para aquisição dos motores para aparelhagem das suas pequenas traineiras, conhecidas por repas, com 4 homens apenas e óptimos resultados económicos — os quais desmentem as lamentações de pobreza financeira do referido poeta-pescador.

O eng.º Nelson Gomes, director do Gabinete de Estudos da Direcção Geral de Portos, proferiu no dia 5 de Julho último na Casa do Algarve, em Lisboa, uma notável conferência sobre os Portos do Algarve.

Pessoa abalizada no assunto, com já 30 anos de estudos e trabalhos na matéria, não só de Portos, como de Serviços Hidráulicos, fez na presença dos senhores Director-Geral dos Portos e do antigo Director-Geral dos Serviços Hidráulicos, eng.º Armando da Palma Carlos (a cujos serviços Quarteira deve a construção dos molhes de defesa contra a erosão marítima).

Depois de dizer que Quarteira, como Albufeira, Armação de Pera, Salema, Buarque, etc., não ultrapassam, cada um deles, alguns centos de toneladas por ano, falou dos portos de recreio e núcleos portuários de apoio à navegação de recreio.

E disse que, constituindo o Turismo uma das riquezas do Algarve, é mister não descurar um dos factores que para o seu desenvolvimento e valorização contribui a navegação de recreio.

Além disso, os desportos náuticos são apanágio de uma juventude agradável e prolongada.

Um fluxo importante de navegação de recreio internacional passa ao largo da nossa costa, entre o Atlântico Norte e o Mediterrâneo, ignorando-nos por não termos infra-estruturas adequadas para os cativar e lhes dar apoio.

É sabido que a nível regional, um fluxo de navegação de recreio não se estabelece capazmente se existir um único porto de recreio — pelo contrário, requerem-se núcleos de apoio especializados, relativamente próximos, para que esse fluxo se estabeleça.

É óbvio que há que seleccionar prioridades de investimento, mas isso não impede que sejam analisados os problemas.

E acrescentou o eng.º Nelson Gomes — há no Algarve um único, e bom, porto de recreio — a Marina, de Vilamoura.

Regista-se que, além da Marina de Vilamoura, foram considerados núcleos de apoio para a navegação de recreio, nos planos gerais dos portos de Portimão, Faro-Olhão, Vila Real de Santo António, Lagos-Alvor e Baleeira, na costa sul. Uns, naturalmente com maior vocação para a navegação internacional, outros para a navegação da população residente ou nacional veraneante.

As afirmações do eng.º Nelson Gomes, que muito interesse despertaram, não só entre os sócios presentes da Casa do Algarve, como dos numerosos assistentes, muitos engenheiros ligados aos Portos e aos Serviços Hidráulicos, e também a economistas, levaram-nos a formular a hipótese de os numerosos pescadores de Quarteira verem as suas actividades facilitadas com a construção de uma doca-pesca, a nascente da Marina, precisamente para o lado onde hoje varam as pequenas lanchas motorizadas de motor de borda-fora.

Aproveitando a entrada do ante-porto, a pesca artesanal e industrial de Quarteira desenvolver-se-ia imediatamente.

Uma vez feita a descarga do pescado na doca-pesca, ele seguiria para a Lota e frigoríficos do seu armazenamento, na parte antiga de Quarteira, sem haver conspurcação da zona turística, onde a doca-pesca se inseriria.

Ficaria como que uma aguarela movimentada, que os turistas, ins-

talados nos hotéis circundantes, decerto não deixariam de apreciar.

★

Aqui deixamos estas notas actualizadas sobre o progresso da pesca de Quarteira, em contraste com o seu atraso, em 1960, recordado no anterior artigo.

Aos meus comprovincianos de Albufeira e Armação de Pera, que não tiveram a sorte de verem construída uma Marina, deixo-lhes a ideia de uma variação de tipo dinamarmarques que, com o seu baixo custo substitui um porto de abrigo de centenas de milhares de contos, que foi o custo da Marina de Vilamoura.

Não termino sem referir o que nos foi transmitido em Quarteira pela Casa dos Pescadores: é de lamentar a fuga dos pescadores artesanais aos descontos para a Previdência, vendendo grande parte do seu peixe fora da Lota.

Alguns deles, vendem nela apenas o indispensável para usufruírem das regalias da assistência clínica e farmacêutica e reforma.

Depois, são eles que se queixam que a farmácia não recebe da Previdência o custo das receitas, e os reformados só recebem a pensão com atraso!

Teremos de voltar ao tempo em que a Guarda Fiscal assistia ao desembarque do peixe e à correspondente venda em pagelas?

Lisboa, 30 de Setembro de 1977.

A. S. P.

Vão ser expropriados os terrenos destinados à expansão nordeste de Loulé

(continuação da pág. 1)
pótese de permutar em espécie, com pequenas propriedades envolvidas no processo de expropriação, desde que, depois da ultimização do planeamento urbanístico para a zona haja disponibilidades de espaço.

A expropriação em questão obedece ao plano de expansão da parte nordeste de Loulé, conforme foi acentuado antes, que foi premeditado pela Comissão Administrativa, ainda antes do 25 de Abril, não só para promover o crescimento da vila, como para evitar a especulação na venda de terrenos.

A superfície, agora expropriada, destina-se, conforme está programado, à habitação social. Na zona aludida, está prevista a implantação de construções da Cooperativa a Nossa Casa (cerca de 300 fogos à partida), da Associação de Moradores 26 de Julho, integrado no plano da SAAL (150 fogos). Além disso estão também previstos núcleos de apoio, designadamente, uma escola técnica cuja área pedida pelo MEIC atinge 18 000 metros quadrados, palácio de Justiça, uma nova creche e respectivo jardim de infância e ainda um lar para pessoas da terceira idade.

Estes são os compromissos que a Câmara de Loulé assumiu e que se espera sejam, dentro da brevidade possível, uma realidade.

Finalmente, depois de muitos anos de confinamento, Loulé rompe com o marasmo urbanístico a que alguns proprietários quiseram votar e que não atentaram nem para o curial e natural desenvolvimento da Vila, nem para as exigências do tempo decorrente voltado para as carências sociais.

MARCENARIA PINTASSILGO

Execução de serviços de marcenaria e carpintaria.

Rua da Mina — LOULÉ.

Mealha, Santos & Bartolomeu, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada em 10 do mês corrente, de fls. 113 a 114, v.º, do livro n.º A-96, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Fernando Manuel Faísca Mealha, José Mendes dos Santos e Leonardo Valério Bartolomeu, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «Mealha, Santos & Bartolomeu, Limitada», tem a sua sede no sítio de Vale Formoso, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje;

Segundo — O seu objecto consiste no exercício da indústria de carpintaria mecânica, podendo explorar qualquer outro ramo de negócio, em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

Terceiro — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é de cento e cinquenta mil escudos, e está dividido em três quotas iguais de cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada sócio;

Quarto — 1. A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios que desde

já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for acordado em Assembleia Geral;

2. Para obrigar validamente a sociedade basta a assinatura de qualquer sócio gerente;

3. Fica vedado aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

Quinto — 1. A cessão de quotas, no todo ou em parte, é livremente permitida entre os sócios;

2. A estranhos fica dependente de prévio consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência em primeiro lugar e a cada um dos sócios, em segundo.

Sexto — As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com a antecedência de oito dias, pelo menos, desde que a Lei não exija outras formalidades.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Loulé, 12 de Outubro de 1977.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

ÀS MÃES EMPREGADAS

Mãe, habituada a tratar com crianças, aceita bebés de 6 meses aos 4 anos, para tratamento familiar.

Nesta redacção se informa.

(3-1)

URBANIZAÇÃO EXPANSÃO SUL-LOULÉ

(SAÍDA PARA FARO)

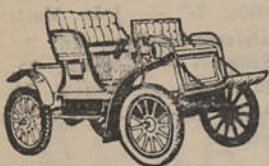
VENDE-SE LOTE DE TERRENO PARA CONSTRUÇÃO.

TELEFONE 62263 — LOULÉ.

CROL de laranja CROL de ananás

QUE RECOMENDAM AOS CONSUMIDORES DE

BOM GOSTO



Um automóvel para si

Os elevadíssimos preços dos automóveis novos aconselham a pensar na aquisição de um veículo em 2.ª mão. Nós podemos servi-lo bem em preços, em qualidade e em honestidade de processos de trabalho.

Por isso é extremamente vantajoso para si que, antes de se decidir pela compra de um automóvel de confiança ou se pretende trocar ou vender o seu, contacte com

STAND MEALHA

Rua Serpa Pinto, 20 ★ Telef. 62166 ★ LOULÉ

Visita do Governador Civil de Faro à Mina de Sal de Loulé

(continuação da pág. 1)
junto do poço de extracção onde esfarelados pelo sr. Eng.º V. Barra-cha que também exerce as funções do Enginnering, dos novos empreendimentos que permitirão incrementar os meios de exportação daquela empresa.

De facto, foi-lhes dado verificar o contrato que a Clona assinou com a VEJSAUTKONTORET da Dinamarca, relativo à exportação de 80 000 ton. de sal gema, a efectuar ao longo dos próximos 8 meses e que se traduzirão numa entrada de divisas de mais de 22 milhões de escudos.

O Sr. Governador Civil indagou sobre as vantagens resultantes para a Clona, na competitividade do preço de exportação, em face à desvalorização do escudo.

Foi esclarecido que a desvalorização já tinha permitido um lucro suplementar de 10% e que a tinha colocado numa posição francamente distanciada do concorrente italiano, mais próximo. Permiteu também tornar os preços de exportação receptivos ao mercado alemão, com o qual fechou outro contrato para a exportação de sal, embalado em sacos de plástico de tipo especial, normalizados no Mercado Comum e cujo fabrico afortunadamente se iniciou recentemente em Portugal, sob licença estrangeira. Foram mostrados esses sacos de forma paralelepípedica e que contêm 25 ou 50 kg de sal, os quais serão expedidos da mina directamente para os supermercados alemães, dada a necessidade que naquele país existe de o colocar sobre a neve, para evitar a obstrução das passagens nos passeios, junto às entradas das habitações.

O sr. Manuel Pereira esclareceu também que, não só a desvalorização, mas também o aumento da produtividade, em que todos os trabalhadores se mostram agora empenhados, estava a permitir pôr a CLONA francamente virada para a exportação. Despertou a atenção dos visitantes, a azáfama que se verificava junto do poço de extracção onde

várias pás carregadoras, em bom ritmo, carregavam o sal em camions de 20 e 35 ton., os quais se dirigiam depois em comboio para o porto de Faro, onde rapidamente era descarregado para os porões do moderno barco holandês «Noorbeek», que daí a 5 dias o entregaria na Dinamarca.

Este volte de face que agora se verifica na CLONA implica no trabalho ininterrupto por turnos ao longo das 24 horas, o que já se traduziu recentemente pelo aumento dos postos de trabalho de 94 para Dinamarca.

Iniciou-se seguidamente a descida às galerias da mina, situadas a 230 metros abaixo da superfície do solo. A característica «sui generis» duma mina de sal gema estava patente aos olhos dos visitantes.

Galerias espaçosas, semelhantes às dum metropolitano, onde se deslocavam máquinas de dimensões avantajadas e carregando toneladas de blocos de sal, dirigiam-se para o 2.º poço, no fundo do qual estão instaladas as máquinas que se encarregam de trituração daqueles blocos. As caixas do elevador de extracção com capacidade de 5 ton. cada, levavam o sal para a superfície ao ritmo de 5 minutos por viagem.

O sr. Governador fez questão de verificar como era efectivamente realizada a extracção dos blocos naquelas galerias. Chegados ao topo duma, onde se procedia à furação duma frente, com martelos pneumáticos e em contacto directo com os trabalhadores, foi esclarecido pelos encarregados Salvador e Alcária do modo de utilização dos explosivos a introduzir nos furos realizados, assim como da relativa baixa intensidade do ruído da exploração e da respectiva onda de choque. Mais adiante o sr. Presidente da Câmara cumprimentou o trabalhador Mário Ildefonso Martins seu vizinho que o esclareceu que os rebentamentos permitiam o arranque simultâneo de cerca de 200 ton. de blocos de sal de cada vez.

Os visitantes mostraram-se admirados com a extensão das galerias, da actividade que dia e noite, insuspeitadamente se encontrava por debaixo dos pés dos pacatos louletanos, e da dimensão do jazigo, calculado em 8 000 milhões de toneladas, o que o coloca como um dos maiores da Europa.

Vivamente bem impressionados e reiterando os seus préstimos à Clona, despediram-se os visitantes augurando a concretização a médio prazo dos programas em curso.

VENDE-SE

Prédio térreo c/ 2 frentes.
Rua Infante D. Henrique, 203
e R. Dr. Manuel D'Almeida
em Portimão.

Resposta ou tratar com N.
B. Guerreiro, R. Antero Quental, 24 r/c - Dto. — LOULÉ.

Do primeiro dia de escola ao reinício das aulas

(continuação da pág. 1)
Outros jovens prosseguem e reatam as suas actividades estudantis, aos mais diversos escalões do ensino, refeitas e revigoradas que são as suas legítimas aspirações de elevar o capital das suas habilitações e dos seus conhecimentos.

A escola, é com efeito um cadinho onde se acrisolam e forjam sucessivas camadas etárias, numa porfiada valorização de anos de aprendizagem.

A escola, ou a instituição que ela representa, não é porém um fim, mas um meio pedagógico, educacional e de aperfeiçoamento dos homens de amanhã, pensando sobre ela, sobre o seu ministério, que se pretende dinâmico, a avultante responsabilidade de os tornar aptos e capacitados.

As aulas começaram, e logo, em simultâneo, o formigar dos estudantes, aos magotes, se denuncia nas ruas das cidades e das povoações, as quais adquirem remota feição.

Os mais pequenos, com as suas sacolas, e os mais grados com sebatas ou sem elas, começam a percorrer o itinerário do novo ano lectivo, fin-

das as férias grandes (demasiadamente grandes), que intercalam, para quem não concluiu os estudos, o mesmo processo formativo.

As aulas abrem de par em par as suas portas e são pequenas, não poucas vezes, para albergarem a crescente afluência de estudantes.

Fala-se nas limitações e nas dificuldades das instalações e estruturas educacionais e na falta de elementos docentes para acudir às solicitações mais instantes.

As instâncias superiores não devem escapar às implicações.

De qualquer forma, com o entusiasmo e o ardor próprios da verdade dos anos, a juventude estudantil prepara-se para enfrentar a dureza de uma escalada com que está comprometida.

Que o seu transbordante e comunicativo optimismo não se confine apenas a retratar a esperança... Que inalteravelmente, possa acomodar-se às exigências da aprendizagem e sobrelevar o cepticismo pragmático ao dia a dia e hipocrisia dos demagogos.

J. C. V.

IV Reunião da Comissão da Organização Mundial de Turismo para a Europa em Alvor

(continuação da pág. 1)

tendo nela tomado lugar as representações de 19 países dos 21 que constituem a OMTE.

Na sessão de abertura o director-geral do Turismo, Cristiano de Freitas, que representou o secretário de Estado do Turismo, após as saudações introdutórias manifestou as suas pela circunstância de a IV reunião da comissão da OMTE se efectuar no Algarve.

Nos agradecimentos, o secretário-geral adjunto do OMTE, Rawat, disse esperar que os resultados do encontro possam contribuir para o alargamento das possibilidades da região turística onde fora promovido.

Para culminar os trabalhos, foi oferecido um jantar pela comissão regional do Turismo do Algarve, no Casino de Vilamoura.

Carta da Comissão Regional de Turismo acerca do I Festival Nacional de Folclore

(continuação da pág. 1)

missão Administrativa sr. Valter Contreiras, que coordena todo o programa de animação da CRTA, e foi o principal responsável pelo Festival, estamos muito felizes, pelo êxito desta iniciativa, mas costuma dizer-se «o seu, a seu dono»... pois sem a colaboração de muitas, muitas outras pessoas seria impossível realizar Festival de tamanha envergadura.

Apresento a V. Ex.ª os meus respeitosos cumprimentos.

O Presidente da C. A., inferior

Joaquim Manuel Cabrita Neto

NOTA DA REDACÇÃO — Gos-tosamente acedemos a publicar na íntegra, de acordo com o solicitado, a carta subscrita pelo Presidente da C. Regional de Turismo do Algarve, com o fito de esclarecer, tal como foi preconizado todos os nossos

leitores. E já agora, com a devida vénia, cabe-nos juntar que o I Festival Nacional do Algarve mereceu a este jornal diversas referências, entre as quais citaremos a que foi publicada na nossa edição de 15-9-77 e que termina deste modo:

«Esta notável iniciativa da Comissão Regional de Turismo do Algarve teve o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, Direcção-Geral de Turismo, Direcção-Geral da Acção Cultural, Direcção-Geral dos Espectáculos, INATEL e FAOJ».

Apraz-nos no entanto salientar, não com irruídos elogiosos mas por imperativos de justiça, que na verdade a acção demonstrada pela Comissão Regional de Turismo do Algarve, tem sido outra (muito mais empreendedora), desde que Cabrita Neto assumiu a sua chefia. E ainda bem para o turismo algarvió (regozijamo-nos com isso) que aquele organismo conta no efectivo, também, um bom elenco de expedientes e competentes funcionários.

Daqui os saudamos e felicitamos pelo seu valioso contributo.



Ford. Orgulho do passado. Confiança no futuro.

Em 1917, o lendário Fordson tornou-se o 1.º tractor do mundo a ser produzido em série.

O motor de 4 cilindros e a caixa de 3 velocidades eram um espantoso avanço para a época. E os agricultores mais evoluídos aceitaram entusiasticamente a inovação Fordson.

No decorrer dos anos, Ford permaneceu na vanguarda.

Rodas com pneumáticos, tomada de força, eixos de via regulável, sistema hidráulico de 3 pontos e motores Diesel foram lançados e largamente popularizados pela Ford.

Hoje, passados 60 anos, a Ford continua a ser uma das marcas de tractores mais vendidas na Europa. Não é de admirar. Características como transmissão Dual Power, sistema hidráulico com Load Monitor e cabines super-luxuosas, justificam plenamente a sua posição de liderança.

Experimente um dos novos Ford.

Veja como ele ultrapassa os concorrentes. Em qualidade, em eficiência de trabalho e no conforto para o condutor.



Os Novos Ford. Sem Rival.

FOMENTO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA.
Largo do Mercado, 2 a 12 - Telf.: 23061/4 - FARO
Filial em Portimão - Largo do Mercado de Gado - Telf.: 22107

QUOTIDIANOS

a crónica de
JOSÉ MANUEL MENDES

DENTES E DENTADURAS

A primeira ferroadá apareceu, eram para aí sete e meia da tarde. Inicialmente, uma sensação indistinta de dor, toda uma zona abrangida como área bucal de desastre eminente, entre a zona dos caninos e o território dos molares. Maus presságios ocorrem logo à mente do incomodado portador de serrote dentrífico, calejado certamente com longas noites de insónia desde o tempo dos dentes de leite, que se arrancavam com o clássico fio de linha preso a uma maçaneta de porta, ou com o prático sopapo da esquerda para a direita, enquanto o diabo pisca um olho.

Depois, vieram as dentações definitivas, de alicerces bem montados nas profundezas da gengiva, onde só chega a broca do dentista, ou, para mal dos nossos pecados, o micróbio de testado e carunchoso da cárie.

Muitas vezes, é a gulodice quem abre as portas da ruína dental. Quilos e quilos de açúcar, mastigados pela ânsia desenfreada do guloso, sob a forma de caramelos, rebuçados, chocolates, pastilhas elásticas, e toda uma gama de calar o choro a crianças, e de sossegar a gula adocicante de muitos adultos.

Deste modo, se degeneram as branquinhas dentaduras do mamífero humano. Primeiro, aparecem umas manchazitas a estragar o sorriso escancarado, depois começam a ganhar forma uns buracos, e às tantas acaba por se partir todo aos bocados, é quando aparece a dor fatal na raiz esquecida e submersa, já não há remédio nenhum, nem há chumbo, nem marfim, nem cálcio que segurem as mãos esganadas do dentista de cumprir a sua sádica missão de bárbaro arrancador de dentes.

Ainda há quem acredite, de boa fé, que com uns bochechos de aguardente de figo, a dor acabe por embriagar-se e cambaleie nalgum escarro de passagem, assim como quem não quer a coisa. É claro, que semelhantes métodos arcaicos e extremamente empíricos, apenas resultarão de facto na mente de algum alcoólico inveterado, que deste modo, e aproveitando o ensejo, encontra maneira de dormir abraçado à garrafinha sem que a companheira, esposa ou amante, o incomode por causa do meu hálito, dada a tolerância de tal situação, e todos nós sabemos, como as mulheres são particularmente sensíveis a tudo o que diga respeito a dores.

Chega-se assim a uma situação insustentável, em que não há paninhos quentes que valham, nem dentrífico nenhum que faça fugir a cárie, como se esta maldadada doença microbiana fosse passível de ser espantada ou espremida entre as unhas, como se espreme uma pulga ou um piolho. Existe mesmo, um tal estado de desespero que, quando na televisão, ou no cinema, aparecem aqueles borrachos, muito sexy, abrindo a boca a toda a largura do serrote, e mostram sem pudor nenhum, aquelas dentaduras super-brancas, brilhantes e cintilantes como estrelas, e limpas de qualquer doença, pois ao desgraçado que está com uma dor de dentes às costas, não haverá outra solução de ocasião senão atirar com uma cadeira ao écran... ou então...

...Ou então, pegar na dita cadeira, embrulhar-se num par de mantas bem quentinhas, munir-se de guarda-chuva e telefonar para ouvir o noticiário, e ir fazer bicha para a porta do consultório do Dr. Carlos Silva em Faro, pelas 20 horas da noite, e aguentar ali de esperança bem firme, verdadeiramente optimista, que no dia seguinte consiga uma consultazinha para extirpar todo o micróbiozinho que lhe chateia a paz dental e, em última instância, a segurança e o desvairo mental.

PIANISTA

D. MARIA CAMPINA

Desloca-se a Lisboa a fim de colaborar nos trabalhos de reorganização do ensino de música no nosso País, para que foi convidada, a nhecida pianista e professora de música, sr.ª D. Maria Campina, nossa illustre conterrânea e meritória directora do Conservatório Regional de Faro.

Despesas sumptuárias

não condizentes

com a política

de austeridade

Causaram repaço na imprensa em geral, convenhamos justificado, os montantes gastos pelo Governo com a aquisição de dois palácios destinados a albergarem a Embaixada de Portugal, em Argel, que custou 1 milhão e 200 mil contos (!) e o Ministério da República, em Angra do Heroísmo, local este onde de sobejo há edifícios do Estado.

No momento em que além de se preconizarem padrões de vida subordinados a regras de sobriedade e se tomam medidas de austeridade compulsiva, estes gastos não podem deixar de merecer a classificação de sumptuários.

Hotel Golfe da Penina

entre

«os dez melhores

do Mundo»

Em conclusão de um inquérito promovido pela secção de viagens (Travel Bazar) da importante revista «Harpers Bazar», que se edita nos Estados Unidos da América do Norte, entre «Os dez melhores hotéis do mundo», figura o Hotel Golfe da Penina, o que, indubitavelmente, prestigia aquela unidade hoteleira, e, por consequência, a actividade do turismo português.

Os «dez melhores», segundo os resultados apurados pelo inquérito supracitado são:

«Excelsior Palace (Itália), Penina Golfe Hotel (Portugal), Cannel Bay Plantation (E.U.A.), Las Hadas (México), Hotel de Paris (Mónaco), Hotel Portillo (Chile), The Cloister (E.U.A.), Wentworth by Sea (E.U.A.), Casa del Campo (República Dominicana) e Mauna Kea Beach Hotel (Hawaii)».

PARADOXOS DO DIA A DIA

Por LUIS PEREIRA



Folheava «A Voz de Loulé», sentado a uma mesa do Café Nogueira, o Samora cá do sítio, em simultâneo com um programa feminino bastante atraente e asfixiador, até mesmo a qualquer velho já meio moribundo. De um lado para o outro, a movimentação juvenil das raparigas, com suas meiguices e simpatias tão necessárias a estes negócios comerciais, dava-nos o pitoresco de uma casa renascida dos taneos velhos de outrora. Mas o teor da crónica que pretendo descrever não pretende incidir sobre os negócios pessoais de outros, nem sequer sobre as perninhas daquelas miúdas tão engraçadas que não passam despercebidas a qualquer frequentador, quer seja assíduo ou não, e, já agora, perdêem-me aqueles leitores que não gostam de ouvir falar em pernas nos jornais. Aliás, nem eu tenho a coragem suficiente para descrever toda aquela engrenagem feminina, que é no fundo a respiração pura e sã daquela clientela embora, aparentemente, a asfixia pareça inevitável. Mas, vocês entendem bem o que pretendo dizer! No meio destas circunstâncias que perturbam qualquer leitura, ainda que ela seja interessante, surgiu por entre as portas um cavalheiro tão conhecido cá da região que não só despertou a atenção de quantos lá estavam, como não pôde fugir à curiosidade e à ironia das raparigas. Tudo isto, porque este senhor des-

loca-se todos os dias cá à Baixa, não para conferenciar com os amigos ou pra tomar a respectiva bica, mas somente para comprar o tão conhecido «Diário de Lisboa». Por tradição ou por generosidade, é o único jornal vendido neste café, o que nos dá a ideia que o patrão, ex-emigrante, pouco se importa com a política e interessa-se, sobretudo, com o negócio, como é óbvio. Mas o sujeito que compra todos os dias o «Diário de Lisboa», e, eu sou de acordo que o leitor leia tudo, é efectivamente um daqueles extremistas fanáticos, agarrado ao seu individualismo pagão, que provoca muitas vezes a indignação e a antipatia de quantos o escutam. Eis, porque ele evita falar. Mas a conclusão final desta minha crónica pretende mostrar os paradoxos do dia-a-dia. É que o respectivo indivíduo no tempo da outra senhora, deslocava-se diariamente e tal como hoje, mas para vir comprar o «Época», jornal por demais conhecido e defensor dos ideais fascistas. Isto para vos dizer que não é apenas em Vila Real de Santo António que há camaleões. Por toda a parte essa prega empestia a sociedade e Boliqueime terra de tradição democrática não escapa a essa «escumalha» que de fascistas transformaram-se em comunistas, por mero oportunismo. Mas enfim... duas colecções jornalísticas a condizer! O «Época» fascista e o «Diário de Lisboa» social-fascista.

ARRASTÃO «ALMOUROL» PRIMEIRO PASSO PARA A PESCA DAS 200 MILHAS

O arrastão «Almourol» inaugura um novo capítulo destinado às futuras frotas de pesca portuguesas: a recolha de pescado no alto-mar, já compreendida na zona económica das 200 milhas.

O «Almourol», é portanto o primeiro arrastão português no seu género e o quarto no mundo, que se fez ao mar pelágico, recentemente, sendo depositário de justificadas ambições.

O referido arrastão, que tem 1100 toneladas brutas de arqueação e capacidade de armazenagem de 200 toneladas de pescado, está dotado de equipamento electrónico sofisticado e equipamento adequado que lhe permite operar durante 40 dias sem interrupções.

Como inovação conta com um dispositivo nas redes que as coloca à altura dos cardumes.

Dotado com o «sonar», sistema este que lhe serve para detectar o peixe, o arrastão está apetrechado de forma apropriada à pesca nas águas profundas.

A faina a que se dedica insere-se num trabalho e estudo experimentais, que determinarão a viabilidade

económica deste tipo de pesca, que a provar proporcionará a substituição de pesqueiros longínquos, no Sudoeste Africano, pela zona marítima portuguesa das 200 milhas.

A SNAPA (Sociedade Nacional dos Armadores de Pesca de Arrasto) tem mais três navios dotados com idênticos dispositivos. A exploração de pesca na zona das 200 milhas está dependente dos resultados a obter pelo arrastão «Almourol».

CONCURSO DE DOCUMENTÁRIOS SOBRE O ALGARVE

Promovido pela Comissão Regional de Turismo do Algarve e organizado pelo Boa Esperança Atlético Clube Portimonense realiza-se, no âmbito do VII Festival Internacional de Cinema Não-Profissional do Algarve, de 1 a 4 de Dezembro um Concurso de Documentários sobre o Algarve. O certame é aberto a todos os cineastas nacionais ou estrangeiros admitindo-se filmes em Super 8 ou 16 mm com som óptico ou magnético. Só serão admitidos filmes que pelo seu conteúdo possam promover turisticamente o Algarve versando, obrigatoriamente, três dos seguintes temas: paisagística, folclore, artesanato, monumentalidade e tradicionalidade.

De acordo com as decisões do Júri a organização atribuirá os seguintes prémios: 1.º) 50 000\$00; 2.º) 20 000\$00; e 3.º) 10 000\$00. Os filmes concorrentes devem ser enviados até ao dia 25 de Novembro ao Boa Esperança Atlético Clube Portimonense — Rua Bispo D. Afonso Castelo Branco, n.º 10, em Portimão.

Galeria de Arte «CASINHA»

● OBRAS DE PINTURA E ESCULTURA A PREÇOS ACESSÍVEIS

A Galeria de Arte «Casinha», localizada nas imediações de S. João da Venda, mais precisamente na estrada para Portimão, a 8 quilómetros de Faro, descerrou ao público, recentemente, as suas portas.

Abalçaram-se a este empreendimento os artistas Manuel Hilário (pintor), e Rei de Sá (escultor). Designios em vista: não interromperem os contactos com o público e colocarem ao seu alcance, a preços acessíveis o produto das suas criações.

De acordo com os seus propósitos, os artistas aludidos, estão seguindo o critério de reduzir substancialmente, para metade, os preços das obras praticados durante o Verão transacto, visto que consideraram o fac-

tor material oneroso, como impeditivo à sua expansão artística e, porventura, limitativo à divulgação da sua mensagem entre os meios de menor poder de compra, mas não menos apreciadores das manifestações de arte.

Na troca de impressões tidas com o escultor Rei de Sá inteiramos-nos das características e estilos que enformam as suas produções, bem com as propensões das correntes estéticas respectivas.

Pela explicação dada, toda a escultura de Rei de Sá, obedece a uma tentativa orientalista fundada e expressa na obra de Charrot e no pensamento esotérico de Lobsang Rampa.

Toda a escultura saída do cinzel do Rei de Sá gira em torno da temática iniciática do antigo Egipto, com derivações para o exotismo escultórico das perdas civilizações incas.

É, portanto, uma aventura ambiciosa em matéria inerte, mas maleável à tentativa de interpretação de expressões subjectivas e algo mitológicas.

A pintura de Manuel de Oliveira, mais representativa na área, ocupa-se da temática paisagística, tipo figurativo, tão do agrado de coleccionadores que reverenciam a natureza, a veracidade e a beleza do mundo visual que os circunda.

Cremos, no entanto, que o melhor testemunho será dado pela apreciação directa das obras destes dois artistas na referida galeria «Casinha», onde estão patentes e à disposição de qualquer visitante.

Há pois que aplaudir a iniciativa e a ideia que ela comporta. Por isso aqui fazemos referência a uma e a outra.

Que os artistas referidos sejam bem sucedidos nos seus intentos, são esses os nossos votos.

500 anos depois

Acaba de ser instalada a quinta e última porta da Basílica de S. Pedro, em Roma, que marcará o termo de uma obra que demorou 500 anos.

Trata-se de uma porta de bronze, com 120 quintais de peso e com 7,40 metros de altura por quatro de largura.

Partido único... rádio única

Em Angola, a «Rádio Ecclesia», Emissora Católica, é agora controlada pela Rádio Oficial, passando a irradiar programas Marxistas-Leninistas e de ataque à Igreja.